

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO VII, Nº 237 - JANEIRO - PORTO VELHO, 2009.
VOLUME XXIV - Jan/Abr
ISSN 1517-5421

Desenho da Capa: Flávio Dutra

EDITOR
NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História - UFRO
CLODOMIR S. DE MORAIS - Sociologia - IATTERMUND
ARTUR MORETTI - Física - UFRO
CELSO FERRAREZI - Letras - UFRO
HEINZ DIETER HEIDEMANN - Geografia - USP
JOSÉ C. SEBE BOM MEIHY - História - USP
MARIO COZZUOL - Biologia - PUC-RGS
MIGUEL NENEVÉ - Letras - UFRO
ROMUALDO DIAS - Educação - UNICAMP
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia - UFSC

Os textos no mínimo 3 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows" deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

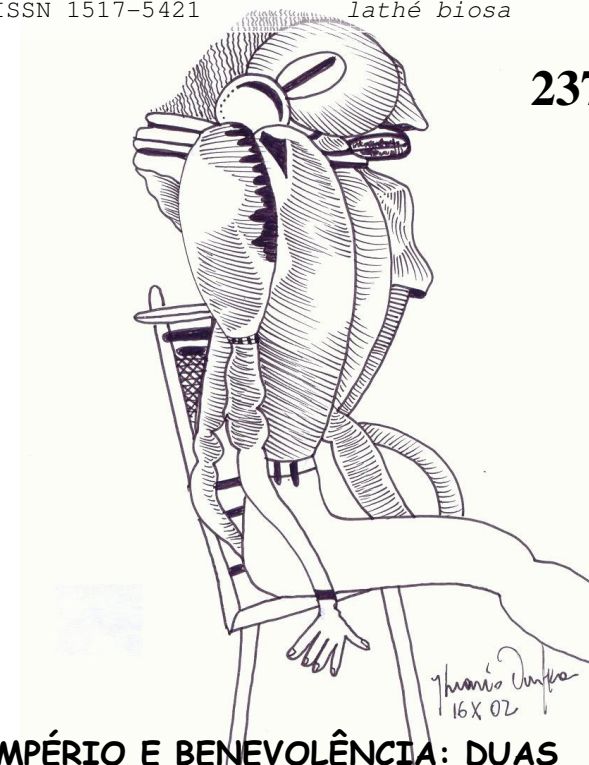
TIRAGEM 200 EXEMPLARES
EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa

237



**IMPÉRIO E BENEVOLÊNCIA: DUAS
FACES DO EGOÍSMO A PARTIR DE
EMMANUEL LÉVINAS**

José Jorge Guedes de Camargo



IMPÉRIO E BENEVOLÊNCIA: DUAS FACES DO EGOÍSMO A PARTIR DE EMMANUEL LÉVINAS

José Jorge Guedes de Camargo

A sociedade contemporânea está constituída em uma humanidade marcada e sustentada na competição e na ausência de solidariedade. Uma humanidade que convive em constante estado de divisão, de subjugação, e que coloca na marginalização e no abandono grande parte de seus integrantes. Uma humanidade que “tem ânsia pela paz, mas que convive com a guerra” como acontecimento inerente e insuperável.

Neste sentido, entendendo que o egoísmo marca profundamente a sociedade contemporânea, buscamos focar no presente trabalho a conduta de “Império” e de “Benevolência” como “Egoísmo”.

Enquanto é manifestamente reconhecido que “Império” está ancorado no egoísmo, na imposição e no controle do Eu sobre o Outro, do Eu sobre outrem, EMMANUEL LÉVINAS, a partir da Alteridade, situa a “Ética como Filosofia Primeira”, oferecendo elementos para uma reflexão crítica da “Benevolência”. Refletindo e analisando a “Benevolência” como uma não superação do egoísmo, mas simplesmente, como manifestação de uma realização do Eu, como uma expressão de Egoísmo, encontraremos no pensamento de Lévinas uma específica “crítica da sociedade contemporânea”.

ALTERIDADE EM LÉVINAS

Para EMMANUEL LÉVINAS o egoísmo, o fechamento do Eu em si mesmo, o eu que se busca em sua própria e exclusiva subjetividade, sustenta todo o pensamento ocidental, caracterizado por uma “filosofia do poder”. O fechamento e a reflexão do Eu que se basta em si mesmo, a reflexão e reconhecimento do Mesmo como uma realidade definitiva que se basta, marca uma egologia redutora do ser ao ente: o eu-em-mim-mesmo.

O fechamento e o bastamento do ser impede o encontro com a abertura, com a exterioridade, com o infinito, com o transcendente. Bastando-se em si mesmo, a subjetividade limita-se e abandona o desejo de transcendente: o Infinito, expresso na exterioridade, escapa-lhe e imerge o ser, o ente, na apatia e na mesmicidade ontológica.

Para nosso autor esta exterioridade, o Infinito se dá no encontro do outrem. Um encontro que não tem características investigativas meramente ontológicas, técnicas e científicas, mas de informalidade e de pessoalidade. “Outrem, como outrem, não é somente um alter ego. Ele é o que eu não sou: ele é o fraco enquanto eu sou forte ele é o pobre; ele é a ‘viúva e o órfão’.(...) A exterioridade social é original e nos faz saída das categorias de unidade e de multiplicidade que valem para as coisas” (LÉVINAS, E., Da Existência ao Existente, Papirus, Campinas, 1998, p. 113).

O Outro para Lévinas é aquele que me estende a mão e me interpela com um “me dá um prato de comida”.

Perante o Outro e seu Rosto que clama, uma exterioridade absoluta da não posso desvenciliar-me, apresenta-se como uma obsessão, uma obrigação um dever que impede a escolha, qualquer opção: perante o R do Outro, o Eu não pode, o Eu não tem poder. O Outro clama à responsabilidade e esta minha responsabilidade rompe com qualquer superioridade subjetiva. O Outro determina o acolhimento e conduz para a igualdade. Expressa o autor: “No acolhimento do R (acolhimento que é já a minha responsabilidade a seu respeito e em que por conseqüência, ele me aborda a partir de uma dimensão de altura e me domina), instaura-se a igualdade. Ou a igualdade produz-se onde o Outro comanda o Mesmo e se lhe revela na responsabilidade: ou a igualdade não é mais do que uma idéia abstrata e uma palavra. Não se pode separar o acolhimento do R de que ela é no momento” (TI, 192) .

É perante o eu-em-si-mesmo que Lévinas ressalta a importância do encontro com o Outro. O Rosto de outrem clama e na Alteridade o fechamento rompe e conduz a um novo eu: de um eu-em-si-mesmo, para um eu-com-o-outro, na exterioridade, em uma relação Eu-Outro, na qual não há negação da individualidade do Mesmo, nem tão pouco do Outro; há compartilhamento de convivência, há intersubjetividade.

Para Lévinas, “a relação assimétrica com o Outro, que infinito, abre o tempo, transcende e domina a subjetividade... pode dar-se ares de simetria”(TI, 204). Entretanto, inexistente igualdade que permite uma escolha ou opção por parte do mesmo. A transcendência do Outro que se dá sobre mim, ocorre no Rosto do Outro que clama. Esta separação e assimetria entre o Eu e o absolutamente Outro, expressa-se de forma concreta, perpassando-se até na compreensão da individuação das relações. Segundo nosso pensador: “A separação encontra-se revestida numa ordem em que a assimetria da relação interpessoal se apaga no comércio e em que o homem particular, individuação do gênero humano, que aparece na história, se substitui ao eu e ao outro... (entretanto) “a separação não se apaga neste equívoco” (TI, 204).

Reconhecendo ser Infinito e Transcendente à subjetividade do eu-em-mim-mesmo, “o outro passa a ter primazia sobre o mesmo, isto é, sobre o Eu que se fixa na sua identidade e não reconhece nada além de si (TI XII)” (KUIANA, 303) e “esta se dá de forma concreta, numa história e numa política” (TI, 204).

IMPÉRIO

O “Império” como um elemento motivado e inerente à centralidade e fechamento do Eu, situa-se como a expressão máxima do egoísmo, onde o ser, motivado e conduzido exclusivamente por uma subjetividade centrada e fechada em si mesmo, impõe-se ou visa se impor sobre outrem.

Neste sentido esta imposição, para Lévinas, tem sua origem e fundamento desde já na compreensão realizada pelo próprio, pelo Mesmo na ontologia: “a ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder”(TI, 33). O Eu através da ontologia quer se bastar a si mesmo e impor-se frente ao Outro, frente ao

mundo e às outras pessoas. Segundo Lévinas: “A mediação fenomenológica serve-se de uma outra via em que o “IMPERIALISMO ONTOLÓGICO” é ainda mais visível. É o ser do ente que é o médium da verdade” (TI,32)que leva à “filosofia do poder, a ontologia, que não põe em questão o Mesmo, é uma filosofia da injustiça” (TI, 34).

Refletindo a partir da fenomenologia, mas utilizando-se de uma ótica filosófica singular, Lévinas critica a filosofia ocidental, mostrando ainda que a filosofia de Heidegger sustenta e conduz exatamente a uma conduta de Império, uma vez que “a ontologia heideggeriana que subordina a relação com Outrem à relação com o ser em geral mantém-se na obediência do anônimo e leva fatalmente a um outro poder, à DOMINAÇÃO IMPERIALISTA, à tirania” (TI, 34).

Expressa Lévinas:

“O ‘egoísmo’ da ontologia mantém-se mesmo quando, ao denunciar a filosofia socrática como já ouvidador do ser e como já a caminho da noção do ‘sujeito’ e do domínio técnico, Heidegger encontra, no pré-socrático, o pensamento como obediência à verdade do ser, ... como toda a história ocidental, concebe a relação com outrem como cumprindo-se no destino dos povos sedentários, possuidores e edificadores de terra. A posse é a forma por excelência sob a qual o Outro se torna o Mesmo, tornando-se meu” (TI 33).

O Império, através da ontologia, da filosofia ocidental, expressa a busca pelo domínio e poder, pela submissão do Outro aos interesses e motivações do Eu.

BENEVOLÊNCIA

Entretanto esta submissão do Outro, como uma conduta do império ontológico do Eu, também expressa-se, ainda que veladamente, quando o Mesmo busca sua própria realização, tendo o Outro como objeto de “sua” benevolência, escolhendo e apontando a outrem pelo qual quer ser o responsável.

A abertura, a superação do egoísmo do Mesmo através da alteridade, rompe as opções e a comodidade do Eu. O Rosto do faminto transcende a realização do Mesmo:

“A orientação fundamental do ser não consiste na busca da realização de si mesmo, geralmente às custas do outro, mas no fato de ser para o outro, com a usura de si mesmo... que se expande e exaure nas possibilidades do seu próprio ser, para o homem que se orienta para o outro, alçando-se a humano à medida que abraça o transcender dessa nova orientação.(...) Porém, o outro não é aquele que se escolhe; é sempre o primeiro que chega, o próximo, que não depende de minha escolha” (PIVATTO, p. 362).

Longe de tratar-se de um ato de escolha e vontade, do “discurso que a epifania abre como Rosto, não posso furtar-me pelo silêncio... Perante a fome dos homens, a responsabilidade só se mede “objetivamente”. É irrecusável. O Rosto abre o discurso original, cuja primeira palavra é obrigação que nenhuma “interioridade” permite evitar” (TI, 179). Esta responsabilidade, superando a qualquer egoísmo, “não poderá consistir num movimento teórico, numa justificação devota ou altruísta, mas num movimento contre-nature na descoberta da eleição pelo como da passividade, pelo como do excesso do mal, expresso na partícula ‘para’ ”(PIVATTO, 367).

Este encontro que se dá na exterioridade do Outro, com “o Rosto, cuja epifania ética consiste em solicitar uma resposta, não se contenta com “boas intenções” e com benevolência inteiramente platônica. A “boa intenção” e a “benevolência inteiramente platônica” não são mais do que os resíduos de uma atitude que toma onde se goza as coisas, onde podemos despojar-nos delas e oferecê-las” (TI, 204).

A Benevolência não supera a redução do Outro à passividade e à realização do Mesmo, não permite a Liberdade e a superação do Egoísmo. E ressalta:

“A relação com o ser, que atua como ontologia, consiste em neutralizar o ente para compreender ou captar. Não é portanto, uma relação com o outro como tal, mas a redução do Outro ao Mesmo. Tal é a definição da liberdade: manter-se contra o outro, apesar de toda relação como outro, assegurar a autarcia de um eu... A posse (do outro) afirma de fato o Outro, mas no seio de uma negação de sua independência. “Eu penso” redundando em “eu posso” – numa apropriação daquilo que é, numa exploração da realidade. A ontologia como filosofia primeira é uma filosofia do poder” (TI, 33).

Como uma extensão do Mesmo sobre o Outro, a Benevolência expressa-se assim como uma possibilidade e como poder do Eu frente Outrem, tido como dependente e isento de qualquer poder.

Indo além de uma doação benevolente, o Rosto clama ao acolhimento. Acolho o Rosto do Outro que me interroga e clama por uma resposta, conduzindo à Responsabilidade. Agora como responsável encontro-me reconduzido à minha realidade última: a presença em mim da idéia de Infinito, uma relação que consiste em si, na responsabilidade de servir.

Expressa Lévinas, na obra “Autrement qu’être ou au-delà de l’essence”, como refutação à conduta de não comprometimento para com o Outro que clama por justiça, o seguinte: “Este livro expôs a significação da subjetividade no cotidiano extra-ordinário de minha responsabilidade pelos outros homens – no esquecimento extra-ordinário da morte ou ‘sem respeito’ pela morte - a significação de minha responsabilidade que escapa à minha liberdade, a desfeita ou a desfeccção da unidade da percepção transcendental... sujeito como espontaneidade” (AE, 179) .

Enquanto no egoísmo “o eu se reduziria a animal racional, faminto, egoísta e soberano em tudo que tudo lhe seria permitido.” (KUIANA, 304), pelo acolhimento o Eu, frente ao “rosto do outro perde e destitui a consciência como fonte de todo sentido, ou seja, o Eu Soberano, no seu isolamento exclusivo de ‘cogito’ e de seu reino unificante e tematizado, é posto em questão.” (KUIANA, 305).

A alteridade expressa-se assim como um despojar-se de si-próprio reconhecendo a obediência ao Outro. Para o Mim “outrem é infinitamente transcendente e estranho... pensar significa antes de tudo, escutar. Nesta perspectiva, é preciso converter a inteligibilidade em hospitalidade e serviço” (idem), diríamos, abertura, acolhimento e responsabilidade.

EXPRESSÕES DO EU: EGOÍSMO OU ALTERIDADE

Situando a ontologia como uma expressão do egoísmo, Lévinas coloca sobre crítica toda a filosofia ocidental e assim, todo o pensamento marcado pela centralização e absolutização do Eu.

Nosso pensador situa esta expressão egoísta do Mesmo já desde a antiguidade, momento inicial do fechamento e busca do ente em si-mesmo.

“O primado da lição de Sócrates: nada a receber de Outrem a não ser o que se já está em mim, como se desde toda eternidade, eu já possuísse o que me vem de fora... No que concerne as coisas, a tarefa da ontologia consiste em captar o indivíduo (que é o único a existir) não na sua individualidade, mas na sua generalidade (a única de que há ciência)... O ideal da verdade socrática assenta, portanto, na suficiência essencial do Mesmo, na sua identificação de ipseidade, no seu egoísmo. A filosofia é uma egologia” (TI, 31).

Em oposição temos a abertura, a Alteridade, o Rosto do outro que clama e rompe com a identificação do Ser ao ente, do Ser ao Mesmo. De outrem vem a responsabilidade por sua acolhida isenta de condicionantes e de opção: “exige-se uma entrega absoluta, um expor-se que impede qualquer tomada de posição” (MÜLLER, 323) . Inversamente a uma conduta de prática benevolente do Eu para ou sobre o Outrem, através de uma imposição, uma oferta ou mesmo de um serviço onde consigo ou busco uma realização subjetiva (satisfação do Eu), o Rosto se apresenta como mediação, como meio para: “o outro ... não é simplesmente um fim em si mesmo assim como o eu – idéia de reciprocidade – mas absolutamente outro... o eu é na medida em é que responsável por outrem... ética não é um sistema filosófico, o ponto de chegada, mas o ponto de partida” (KUIANA, 307s).

Rompendo as expressões e limitação do Ser no em si mesmo, resultado da ontologia (egologia) o Ser não mais restringe-se ao Mesmo, mas perante a presença do Outro, do Infinito, acolhe o Outro em sua objetividade. Assim “o ser não é então objeto em nenhum grau, está de fora de toda a dominação. Esse desprendimento em relação a toda a objetividade significa positivamente, para o ser, a sua apresentação no Rosto, a sua expressão, a sua linguagem. O outro enquanto outro é Outrem... Chamamos justiça ao acolhimento de frente, no discurso (TI, 58). Justiça que permite o reconhecimento da Alteridade, que rompe a expressão do Eu como egoísmo, e que conduz a uma existência que transcende essa egologia e o fechamento no Mesmo. Justiça que se expressa, em uma nova relação entre o Mesmo e o Outro, onde o “outrem permanece infinitamente transcendente, infinitamente estranho, mas o seu Rosto, onde se dá a sua epifania e que apela para mim”(TI, 173).

Se o “Império” e a “Benevolência” expressam o egoísmo do Eu, distanciam a humanidade da verdadeira natureza, na Alteridade Lévinas situa a responsabilidade pelo Outro, a justiça em seu acolhimento do Outro como a marca de singularidade da natureza humana. “Lévinas afirma uma tese audaciosa que separa moralidade de culpa. A promoção do homem como passagem de ser natural a ser humano passa pela responsabilidade para com o outro, nisto está sua moralidade. Porém, essa responsabilidade não é objeto de escolha pessoal, é investidura anterior à escolha, o outro investe a liberdade, conferindo-se sentido” (PIVATTO, 362).

Assim, “a partir desta concepção levinasiana pode-se afirmar: ou o ser humano é moral ou não é humano” (PIVATTO, 367) .A PERSPECTIVA DA CRÍTICA SOCIAL DE LÉVINAS

O posicionamento de Reflexão e Crítica Social de E. Lévinas, decorre da situação de uma sociedade contemporânea que despreza, marginaliza e mantém fora da convivência social uma grande parcela da sociedade que não possui condições nem mesmo de suprir sua própria subsistência, quanto menos, condições de participar do avançado mundo tecnológico como um de seus consumidores. Orientada pelo espírito de competitividade e pelo consumismo, esta sociedade contemporânea fundamenta-se na individualidade e no egoísmo.

É perante este ambiente social que Lévinas fundamenta uma crítica social a partir da subjetividade, da individualidade do homem, atuando e questionando precisamente, o fechamento e o egoísmo em si-mesmo. Para nosso filósofo, o imperativo ético pré-originário é anterior à ontologia, a responsabilidade é situada anteriormente à própria subjetividade consciente e pensante.

Neste sentido temos uma importante contribuição de Lévinas para a Crítica da Sociedade, esta formulada a partir de uma perspectiva diversa às críticas formuladas por outros pensadores, tais como Habermas e Apel , Gianni Vattimo , Paul Ricoeur , Enrique Dussel . Sem pretensão ou possibilidades de abordar a vasta obra destes pensadores no presente trabalho, buscamos apenas ressaltar aspectos referenciais do pensamento destes, apresentar e situar no âmago da crítica social a perspectiva de Lévinas.

Podemos assim situar a crítica e o posicionamento de Lévinas em uma perspectiva distinta e “anterior” às críticas sociais expressas e sistematizadas por outros pensadores contemporâneos. A “alteridade” em Lévinas situa a “ética como filosofia primeira” enfatiza o clamor feito à subjetividade (pessoal e individual) realizada pela concretude do Outro. Enquanto Lévinas oferece a possibilidade, ou melhor, o imperativo da alteridade como encontro da subjetividade humana, através da motivação originária ao compromisso, à responsabilidade pelo Outro, Vattimo oferece elementos que apontam para o desmonte da superioridade do pensamento técnico e do imperialismo da sociedade tecnológica atual, apontando a liberdade no resgate da subjetividade do homem frente ao domínio da razão técnica e religiosa ortodoxa. Noutra perspectiva, P. Ricoeur apresenta a importância da conduta de tolerância frente às diferenças culturais, o diálogo e a abertura como elementos de instauração de uma ordem internacional: respeito e “reconhecimento do outro como interlocutor e parceiro nas megalópoles que o mundo se tornou” (Cesar, p.71) . Reconhecendo no pensamento de Lévinas referencial para crítica da situação do pensar a partir da periferia, da “exterioridade”, da alteridade frente a um mundo filosófico hegemônico, E. Dussel parte da situação concreta em que se encontram milhões de pessoas empobrecidas em nosso mundo para constituir a Filosofia da Libertação que demonstra a “imposição” de uma filosofia, de um pensamento, de uma cultura sobre outra, não apenas como uma ofensa, mas alienação e aniquilação daqueles que se situam além dos centros desenvolvidos do planeta; oferece uma filosofia a partir daquele que não é, da exclusão e da exterioridade.

Neste rico ambiente de crítica, a perspectiva de Lévinas oferece uma nova perspectiva, permitindo e contribuindo para uma crítica social a partir da metafísica do ser humano, a partir da perspectiva da subjetividade. Lévinas, recusando a ontologia (uma vez egologia), resgata o Rosto como momento anterior à razão, à própria reflexão, situando a responsabilidade, a Ética, como anterior ao conhecimento de si-próprio. O Outro que clama, ensina e conduz à Abertura, ao Infinito e destrói não apenas o fechamento ontológico, a centralidade subjetiva no Si-mesmo que se basta, mas denuncia as relações e as situações (“Rostos”) de dominação, de exclusão, de marginalidade social.

“Fica claro assim por que concluímos com a questão do terceiro e da justiça, fazendo retornar obrigatoriamente a ontologia depois da ética... a passagem da socialidade/subjectum para a sociedade/práxis ética, como passo fundamental que diferencia uma filosofia da alteridade de uma filosofia da diferença, sem cair contudo na filosofia da intersubjetividade como reciprocidade de iguais. A este título, tal filosofia, uma filosofia do amor unida a uma sabedoria” (PELIZZOLI, Marcelo L., “Lévinas: a Reconstrução da Subjetividade, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2002).

Superando a noção de co-existência entre diferentes sujeitos, entre diferentes subjetividades, não se dá mais uma situação “alérgica” entre o Eu e Outro, perante a qual busca-se uma convivência não conflituosa e somente tolerante. Há uma superação da “rivalidade”, onde me posiciono perante o Outro sem negá-lo e sem perder minha própria identidade.

Somos diferentes que convivemos em igualdade, sem rivalidades ou oposições: sem negar-me sou para o outro e esta “relação mantém-se sem violência – na paz com essa alteridade absoluta (TI, 176). Estranho ao Eu o Outro resiste, mas enquanto esta “resistência” do Outro não me faz violência, não age negativamente, (mas) tem estrutura positiva, ética” (TI, 176), mesmo como concorrente não ameaça, mas no seu acolhimento o Outro, Infinito, conduz à abertura, à exterioridade, à liberdade da Transcendência.

Aponta Lévinas que uma humanidade onde se assegure tanto individualidade como a comunidade, tanto o Eu como a acolhida do Outro, constitui a própria idéia de humanidade. Assim:

“O próprio estatuto humano implica a fraternidade e a idéia do gênero humano...a fraternidade humana tem assim um duplo aspecto, implica individualidades... a singularidade consiste em cada uma se referir a si própria. Implica por outro lado, a comunidade de pai, como se a comunidade do gênero se aproximasse suficientemente. É preciso que a sociedade seja uma comunidade fraterna para estar à medida da retidão – da proximidade por excelência – na qual o Rosto se apresenta ao meu acolhimento” (TI, 192)

Inaugurando e apontado que “a sociedade não decorre da contemplação do verdadeiro” (TI, 59), mas somente é na “relação com outrem nosso mestre (que se) torna possível a verdade” (TI, 59) podemos, a partir do pensamento de Emmanuel Lévinas, apresentar uma nova crítica social. Partindo do face a face, a “obediência” e a “responsabilidade” deste encontro, apresentam um novo elemento: “a verdade liga-se assim à relação social, que é justiça” (TI,59). E é justamente no encontro, na abertura, na superação do egoísmo, na Alteridade, que se ancora a verdadeira natureza humana, e de justiça social: “A justiça consiste em reconhecer

em outrem o meu mestre” (TI, 59). Um reconhecimento subjetivo e pessoal, uma relação anterior a toda e qualquer racionalidade ou estrutura social, uma relação individualizada e responsável entre Eu e o Outro através de seu acolhimento e de sua independência. Uma relação de igualdade “em face do outro como Rosto. No acolhimento do Rosto, instaura-se a igualdade” (TI, 192). Uma relação entre estranhos e entre livres, mas onde reconheço no Rosto do outro o meu mestre, o Infinito, a Transcendência. “A passagem do Infinito deixa um vestígio que a responsabilidade significa, inaugurando o reino da Bondade, a possibilidade da paz e da fraternidade, sem que isto seja entendido como ela altruísta ou derivado de um imperativo categórico à guisa kantiana” (PIVATTO, 362/3).

É justamente como colaboradora que se apresenta a crítica social de Lévinas: atuando a partir da subjetividade atinge não apenas o homem, mas a partir desta, a pessoa no âmbito de sua relação social e cultural. Atinge a pessoa não apenas em sua dimensão histórica e econômica, mas a partir deste contato, desde o apelo da “nua realidade do Rosto”, atinge sua própria subjetividade, atinge ao si próprio e “exige” a abertura, a responsabilidade, o engajamento.

Em dimensões que se completam as críticas se somam e apontam para o combate à atual sociedade marcada por sua totalidade, por sua conduta imperial e absoluta, pela sua conduta egoísta em que se situa o homem contemporâneo. Não basta a “Benevolência” mas se faz necessária a abertura, a superação do egoísmo do si-próprio e da negação do outrem, na superação do absolutismo cultural, político, econômico e social que impera na sociedade contemporânea.

NOTAS

Esta e demais referências “TI”, referem-se a: LÉVINAS, Emmanuel, “Totalidade e Infinito”, Edições 70, Lisboa, 1980, tradução do original francês “Totalité et Infini”.

KUIANA, Evaldo A, “Crítica de Lévinas à Estrutura da Subjetividade Kantiana” in VERITAS, v.44, Edipucrs, Porto Alegre, junho de 1999.

O conceito “Império” alheio ao que ora se apresenta fora reconhecido como obediência a um poder, sobretudo do poder inerente ao Estado, o poder de coerção em face do Bem Comum. Entretanto, no presente estudo, diverso é o sentido enfocado: sim como conduta pessoal ou coletiva, de impor ou impor-se perante uma situação, perante alguém.

PIVATTO, Pergentino, “Ser moral ou não ser humano”, VERITAS, idem).

O sentido maior da obra *Autrement qu'être* ou *Au-delà de l'essence* é expressar que “cada indivíduo é virtualmente um eleito, chamado a sair, por sua vez – ou sem esperar a sua vez – do conceito do Eu, de sua extensão no povo, chamado a responder de responsabilidade: eu, isto é, eis-me aqui para os outros (AE, 232-233). Responsabilidade que constitui a característica fundamental de toda pessoa humana... invertendo, de alguma forma o movimento centrípeto em centrífugo” (PIVATTO, 366).

LÉVINAS, Emmanuel, *Autrement qu'être ou Au-delà de l'essence*, Martinus Nijhoff, 1986.

MÜLLER, Irichi A., “Pergunta pelo Outro – O Outro na Filosofia de Hegel, Husserl, Heidegger e Lévinas” in *Veritas*, idem.

Este arrojado pensar de Lévinas encontra eco dentre outros pensamentos. Temos assim: “O calor da proximidade fez surgir o enternecimento e a relação do cuidado para com um do outro... A mão do ser humano se estende, se adapta ao corpo e é apta para a carícia, ao passo que aquela dos símios superiores não se estende e é antes adaptada para pegar e segurar. Foi essa base de solidariedade e partilha que serviu de ambiente para o surgimento da linguagem. Ela supõe um animal amoroso e terno. Na linguagem reside o diferencial humano. E a linguagem, singular no ser humano, é fundamentalmente um fenômeno social. Nessa relação social um não precisa justificar sua presença diante do outro porque sabe que é acolhido, nunca é simplesmente tratado como um inimigo, antes como companheiro, como semelhante, como irmão, como sócio na aventura da existência” (BOFF, Leonardo – *As boas razões do socialismo a partir da moderna cosmologia* in *Revista América Libre*, vol.18, 2001, Buenos Aires, p. 14).

Neste mesmo sentido MATURANA, Humberto “Natureza Humana” in MATURANA, Humberto e REZEPKA, Sima N., *Formação Humana e Capacitação*, Vozes, Petrópolis, 2002, 3ª ed. pp. 59-75.

Não buscamos no presente trabalho realizar uma contraposição ou crítica a outros pensadores frente ao pensamento de E. Lévinas, ou mesmo refletir ou combater críticas feitas por estes a nosso filósofo, mas sim ressaltar uma específica e nova perspectiva de crítica; ao lado do resgate da contribuição de outros pensadores, pretende-se colaborar e auxiliar a esta tarefa de crítica social, postura que reside aliás, no próprio princípio da abertura, do aprendizado com o outro, daquele que é diferente e exterior, acolhendo o que Outro me anuncia.

Karl Otto APEL expressa que “a ética do discurso foi concebida como macro-ética com relação planetária. E ela de modo algum está interessada exclusivamente nos problemas intra-acadêmicos da fundamentação última como confutação do cético, mas também - de antemão - na pergunta de como seria possível superar as consequências e consequências colaterais de alcance mundial da ciência e da técnica moderna ... por meio de uma ética de responsabilidade de validade universal” (APEL, Karl Otto, “A ética do discurso em face do desafio da filosofia da libertação latino-americana”, in SIDEKUM, Antonio (org) *Ética do Discurso e Filosofia da Libertação – Modelos Complementares*, Ed. UNISINOS, São Leopoldo, 1994, p.23.

Gianni VATTIMO esclarece que com a sociedade tecnológica (1) o homem abandonou a todos os valores supremos e (2) o sujeito não mais detém o ser (o nihilismo respectivamente de Nietzsche e de Heidegger), estando comandado agora pela sociedade tecnológica; oferece seu resgate do sujeito através da busca do primado do sujeito, na busca da verdade originária, o apelo do ser (ver especificamente em sua obra “*La fine de della modernità*”).

Da hermenêutica de Paul RICOEUR podemos ressaltar a perspectiva da tolerância que consiste na tentativa de superação dos conflitos decorrente do reconhecimento da pluralidade da verdade, em uma abertura não dogmática ao outro, combinada a uma hermenêutica do diálogo do abordar a mesma realidade sob diferentes perspectivas – uma ética fundada no respeito à pessoa humana.

Enrique DUSSEL parte da “exterioridade” do centro hegemônico de poder sócio, político econômico, cultural, em que se situam milhões de pessoas, reconhecendo no referencial da alteridade o elemento primeiro de análise e crítica do mundo contemporâneo.

CESAR, Constança M., “Multiculturalismo: Questões Éticas” in CESAR, Constança M. (org.), *A Hermenêutica Francesa – Paul Ricoeur*, ed. EDIPUCRS, 2002.

No tocante à “tolerância em P. Ricoeur” elucidador trabalho pode se encontrado em “O problema da tolerância em Paul Ricoeur” (in CÉSAR, Constança, “*A Hermenêutica Francesa – Paul Ricoeur*”, ed. EDIPUCRS, 2002).

A “rivalidade cultural” em P. Ricoeur, é elemento decorrente da própria diversidade e alteridade cultural, a qual pode ser superada através da “tolerância”.

VITRINE

SUGESTÃO DE LEITURA

S/Z

ROLAND BARTHES

Editora Nova Fronteira

RESUMO: Nesta obra, a interpretação não atribui ao texto significados pretensamente verdadeiros, mas nos convida a olhar o edifício textual/literário com que Balzac construiu a obra Sarrasine. Barthes ilumina o texto e mostra a migração dos sentidos, os códigos e sua conotação simbólica, numa espécie de inconsciente literário de Balzac.

SUMÁRIO: A avaliação; A interpretação; A conotação: contra; A favor da conotação, apesar de tudo; A leitura, o esquecimento; Passo a passo; O texto estrelado; O texto quebrado; Quantas leituras?; Sarrasine; Os cinco códigos; A tessitura das Vozes; Citar; A antítese: o suplemento; A partitura; A beleza; O campo da castração; Posteridade do eunuco; O índice, o signo, o dinheiro; O fading das vozes; A ironia, a paródia; Ações muito naturais; O modelo da pintura; A transformação como jogo; O retrato; Significado e verdade; A antítese: o casamento; Personagem e figura; O ilustre alabastro; Além e aquém; [...]; O texto pensativo.

Áreas de interesse: Filosofia, História, Ciência Política, Sociologia.

Palavras-chave: Filosofia, Luta de Classes, socialismo, marxismo, capitalismo.